



Postulante pelo PDT, o ex-governador descarta abrir mão da corrida eleitoral, apesar das pressões, e critica líderes das pesquisas

Ciro: candidatura é inabalável

» TAÍSA MEDEIROS

O ex-governador Ciro Gomes (PDT) enfatizou, ontem, que "não há força humana capaz de abalar" a candidatura dele à Presidência da República — descrita por ele como uma "decisão de dar ao povo uma alternativa". O postulante ao Planalto, terceiro colocado nas pesquisas de intenção de voto, tem sido pressionado, tanto por correntes quanto por integrantes do próprio partido, a desistir da corrida eleitoral. Na semana passada, a presidente do PT, Gleisi Hoffmann, chegou a dizer que Ciro deveria renunciar à candidatura para tentar viabilizar a vitória do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) no primeiro turno. Mesmo o presidente do PDT, Carlos Lupi, admitiu que, nos estados, há pré-candidatos do partido que vão ressaldar o petista e que não haverá "punição aos infiéis".

Na opinião de Ciro, Lula e o presidente Jair Bolsonaro (PL) — líder e vice-líder, respectivamente, das pesquisas de intenção de voto — oferecem "mais do mesmo". "Só que mais do mesmo fez com que o país fosse liquidado do ponto de vista social e econômico", acrescentou, durante a sabatina do **Correio**.

Conforme destacou o pedetista, logo após o pleito, o presidente eleito tem "seis meses mágicos", em que pode fazer "tudo o que quiser" — período que poderia ter sido mais bem aproveitado por ex-chefes do Executivo. "Todas nós conhecemos como opera um presidencialismo à brasileira. Há ali seis meses mágicos,



em que o presidente da República, depois de ser eleito, tem o país na mão. O Congresso é extremamente generoso em agasalhar absolutamente tudo que o presidente queira fazer. Relembremos: FHC (Fernando Henrique Cardoso), com o real, tinha o país na mão para fazer o que bem quisesse e entendesse. Não propôs nada naquele primeiro ano de mandato, trocou a reforma do país pela reeleição", criticou.

Ciro disse que o fato se repetiu com Lula. "Chegou a frequentar 85% de popularidade, mas

não teve concepção, não propôs absolutamente nada. Nem FHC, nem Lula, nem Dilma (Rousseff): nenhum propôs nenhuma reforma estrutural para o país", frisou. O ex-ministro da Fazenda afirmou que, caso eleito, aproveitará o que chamou de "momento plebiscitário" para negociar e aprovar projetos.

O pré-candidato negou que as observações sejam ataques a uma ou outra figura. "Estou mostrando que a governança política de Jair Bolsonaro, Lula e FHC é tudo igual", sustentou.

O concorrente ao Planalto criticou a "omissão indesculpável"

ressaltou. De acordo com ele, embora os líderes das pesquisas sejam pessoas diferentes ideologicamente, "estão cada vez mais iguais". "Gabinete do ódio, comportamento fascista, roubo, corrupção. Tudo isso, infelizmente, é um traço comum de Bolsonaro e de Lula. Claro, Lula está no campo da democracia, Bolsonaro está no campo da não democracia. Isso faz uma diferença importante, mas, no resto, é tudo igual", sustentou.

O concorrente ao Planalto criticou a "omissão indesculpável"

do Congresso Nacional e do Supremo Tribunal Federal (STF) em relação à privatização da Eletrobras. Ambas as instituições teriam descoberto "um caminho absolutamente tortuoso para entregar o capital público brasileiro para interesses privados".

O pré-candidato disse que, caso seja eleito, mudará a maneira de calcular a tarifa de energia, que hoje é feita baseada no dólar. Essa seria "outra mamata" a que ele daria fim. "Vão fazer o diabo para não deixar eu chegar lá (...), por isso é que eu vou até



Lula está no campo da democracia, Bolsonaro está no campo da não democracia. Isso faz uma diferença importante, mas, no resto, é tudo igual"

Ciro Gomes (PDT)

o fim: porque eu tenho segurança de que o povo brasileiro vai acordar e vai ver o tamanho da canalhice de que é vítima nestes tempos trágicos que o Brasil está vivendo", ressaltou. "Se fizerem isso (privatizarem a Eletrobras), eu tomo de volta, não tem conversa. Pagarei as devidas indenizações, porque nosso país é sério", pontuou.

Ciro frisou que haverá aumento da conta de luz caso ocorra a privatização. "É um crime que meteram jabutis ali que vão encarecer dramaticamente a conta de energia do povo, que, só aqui em Fortaleza, subiu 25% em uma pancada só, sendo que nenhum dos custos da produção de energia brasileira cresceu sequer 5%", afirmou. "Canalhamente — lá vai a veemência de Ciro Gomes —, indexaram as tarifas de energia do povo brasileiro em dólar. É todo mundo aqui ganha em real", criticou.

Minervino Júnior/CB/D.A Press



Se a pessoa não for um ponto de ativação em renda, vai ficar sempre esperando para repartir o bolo"

Pablo Marçal (Pros)

vende nossa commodity a preço de banana", reprovou.

Ele defendeu fragmentar a Petrobras "em pequenas e médias empresas". "Não precisa vender para o capital estrangeiro, mas a gente precisa quebrar esse monopólio", frisou. "Você vai aos Estados Unidos, e o litro do combustível convertido hoje está em R\$ 5. Aqui, está chegando a R\$ 10, e este é um país quase autossuficiente. Se a gente não quebrar essa questão do monopólio, vai ter um problema."

para repartir o bolo", disse. A proposta dele é mudar o pensamento brasileiro sobre a capacitação. "Emprego se gera com empresa. No Brasil, são abertas 1,4 milhão de empresas por ano, só que, até o terceiro ano após a abertura, 87% delas se fecham. Isso não faz sentido", ressaltou. "A gente não tem cultura na educação, ensina as pessoas a ter uma profissão. Coloca 13 anos de ensino para ela pegar o diploma de graduação e enfiar no Uber", criticou.

Em meio à polêmica sobre a

Proposta de Emenda à Constituição (PEC) 206/19, que estabelece a cobrança de mensalidade nas universidades públicas — em tramitação na Câmara —, Marçal afirmou ser a favor da proposta. "Sou filho de escola pública, mas não passei na federal pelo ensino na escola pública. Não passei na federal porque,

como competir com as pessoas que têm dinheiro para pagar cursinho? Se o rico quer estudar na faculdade pública, que ajude a pagar", destacou.

Na proposta para a educação, Marçal apontou que o ensino médio tem de ser transformado "em uma rampa", que deve ser apontada em três direções:

graduação, virtualização e "empresariação", pois, segundo ele, "não é correto gastar bilhões em dinheiro público para alguém escolher uma profissão". "Se a pessoa não quiser ir para o ensino superior, tem que lateralizar o ensino médio."

Ao ser questionado sobre privatizações, o postulante ao

Planalto frisou existir um "gigantismo estatal". Citou o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso por ter vendido a Vale do Rio Doce — que, na opinião dele, foi "doadá" — por R\$ 3 bilhões, e hoje o valor superaria os trilhões. "O mundo olha para a gente e nos vê como a república das bananas, porque a gente

Ed Alves/CB/D.A Press



Vamos estatizar as 100 maiores empresas deste país e vamos colocar sob o controle da classe trabalhadora organizada"

Vera Lúcia (PSTU)

luana patrício

Postulante ao Planalto pela

segunda vez, a socióloga Vera Lúcia Salgado (PSTU) defendeu a estatização total das empresas para salvar o país da crise econômica e se mostrou favorável ao armamento da população.

De acordo com a pré-candidata,

é preciso devolver ao Estado

as empresas que foram vendidas

pelo governo. "Elas são produ

tivas, não dependem do Estado

brasileiro para que possam fun

cionar e gerar lucro. Ao contrário,

elas é que dão lucro ao Estado

brasileiro e à economia", ressaltou.

"Se não fossem produtivas,

rentáveis e lucrativas, nenhum

empresário ia querer comprar."

Ela enfatizou, ainda, que a po

pulação tem o direito de portar ar

ma "para se prever de qualquer

tipo de ataque". "Só quem não tem

isso é a classe trabalhadora mais

empobrecida", destacou.

Questionada se a posse au

mentaria os índices de violênci

a no país, Vera Lúcia defendeu um

treinamento para os que adqui

rissem armas. E criticou os de

cretos editados pelo presidente

Jair Bolsonaro (PL), em fevereiro,

para flexibilizar mais as regras de aquisição, registro, posse

e porte. Segundo ela, o chefe do

Planalto trabalha em causa pró

pria e não está preocupado com

a segurança do brasileiro.

"Estamos dizendo que, no

Brasil, as pessoas têm direito de

se defender e que Bolsonaro de

fende o armamento, mas não

para proteger a população. Ele

defende para proteção da grande propriedade e para armar a grande milícia que ele defende.

Ele defende o Estado militarizado com ele na cabeça. Isso não é o que defendemos", afirmou.